



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Turguêniev: um novo olhar sobre a figura do camponês russo

Turgenev: a new look at the figure of the Russian peasant

Autor: Samuel Junqueira e Fátima Bianchi

Edição: RUS Vol. 11. Nº 17

Data: Dezembro de 2020

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2020.173721>



Turguêniev: um novo olhar sobre a figura do camponês russo¹

Samuel Junqueira*
Fátima Bianchi**

Resumo: A criação de tipos literários é um dos pontos altos da obra de Turguêniev. O “homem supérfluo” e o “jovem radical” são os exemplos mais lembrados. E tão impressionante quanto estes é o retrato que o escritor faz do camponês russo em *Memórias de um caçador*. Praticamente todos os grandes literatos russos do século XIX abordaram essa temática, mas Turguêniev foi muito além. Neste artigo, pretendemos demonstrar, por meio de uma análise do conto “Uma relíquia viva”, as inovações realizadas pelo escritor na caracterização dessa figura. Subordinando a estrutura narrativa à voz de uma camponesa e conferindo-lhe uma feição cristã até então inédita, Turguêniev dá vida a uma figura extremamente marcante e comovente.

Abstract: The creation of literary types is one of the high points of Turgenev’s work. The “superfluous man” and the “radical youth” are the most memorable examples of that. And just as impressive is the writer’s portrait of the Russian peasant in *A Sportsman’s Sketches*. Virtually all of the great Russian writers of the 19th century addressed the issue, but Turgenev went much further. In this article we aim to demonstrate, on the basis of an analysis of the short story “Living Relic”, the innovations introduced by the writer in his portrayal of this figure. As he subordinates the narrative structure to the voice of a peasant woman and gives her a hitherto unprecedented Christian character, Turgenev creates a very striking and moving figure.

Palavras-chave: Turguêniev; “Uma relíquia viva”; Camponês russo; Século XIX
Keywords: Turgenev; “Living Relic”; Russian peasant; XIX century

* Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura Russa da Universidade de São Paulo – USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH, Departamento de Letras Orientais, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-5272-0999>; samjunqueira@gmail.com

** Universidade de São Paulo – USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH, Departamento de Letras Orientais, Área de Língua e Literatura Russa, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-4680-9844>; fbianchi@usp.br

Os contos de *Memórias de um caçador*, de Ivan Turguêniev (1818-1883), surpreendem pela simplicidade da composição. Sobre eles observa Edmund Wilson: “Nada poderia ser mais diferente do que um conto, por exemplo, de Maupassant. Não contém nenhum estratagema de contador de histórias profissional, nenhum desfecho de surpresa.”² Em “Uma relíquia viva”, essa característica de Turguêniev mostra-se ainda mais evidente. Um caçador e uma camponesa põem-se a conversar no galpão abandonado que serve de moradia a esta última. Não há nenhum movimento, nada que interfira nessa interação; no entanto, o que surge desse marasmo é um retrato impressionante e inédito da figura do camponês russo, representado pela personagem Lukéria.

A estrutura narrativa encadeada por Turguêniev nos contos de *Memórias de um caçador* mostra-se essencial para que o leitor possa conhecer os camponeses ali retratados. Os contos são narrados em primeira pessoa pelo proprietário caçador, que muitos críticos interpretam como um alter-ego do próprio Turguêniev. É sempre um tanto arriscada e temerária a associação entre narrador e escritor, mas há elementos que permitem que nos aventuremos por esse caminho. O hábito da caça, o fato de muitas das histórias se passarem em aldeias que levam os mesmos nomes daquelas de propriedade de sua mãe, a relação difícil desta com os servos, o próprio comportamento do caçador, que demonstra interesse por conhecer a classe camponesa, são indicações que lembram aspectos biográficos da vida do escritor. “Os hábitos e o caráter do caçador se parecem com os do próprio Turguêniev.”³ Além disso,

1 Este artigo foi baseado na pesquisa de Iniciação Científica “Uma Relíquia Viva”, de Turguêniev: um retrato do camponês russo”, realizada por Samuel Junqueira sob orientação da Profa. Dra. Fátima Bianchi.

2 WILSON, Edmund. p. 256.

3 DELANEY, Consolata. p. 19 (Tradução dos Autores).

o escritor russo sempre deixou claro que necessitava de um exemplo vivo para criar a figura literária desejada: “[...] nunca tentei ‘criar um modelo’ e tampouco parti de um ponto ou ideia inicial, mas sim de uma pessoa real, à qual, mais tarde, ia gradualmente mesclando ou acrescentando elementos convenientes.”⁴ E dá como exemplo o mais conhecido de seus personagens, Bazárov, a cuja personalidade serviu como modelo “um jovem médico de província”.⁵

Não seria absurdo imaginar, portanto, que Turguêniev usou a si mesmo como modelo para criar a figura do caçador nos contos de *Memórias*: “Parece possível concluir, então, que este é um narrador ficcional, embora situado a uma distância muito pequena do autor e apenas dentro dos limites da ficção.”⁶

Fazendo uso da narrativa em primeira pessoa, Turguêniev impõe um limite ao personagem, ao tirar dele a onisciência, o conhecimento do que está ao seu redor e do porvir. Com essa técnica narrativa, o autor cria uma maior proximidade entre narrador e leitor, permitindo que ambos passem pelas mesmas experiências e descubram juntos o que a exuberante natureza das aldeias russas lhes reserva. Turguêniev é um mestre em fazer o leitor sentir as mesmas sensações que seus personagens, como no trecho a seguir de “Uma relíquia viva”:

Segui por aquela senda; cheguei ao apiário. Ao seu lado havia um pequeno galpão de varas entrelaçadas, o assim chamado *omchánik*, onde ficam as colmeias durante o inverno. Espiei pela porta entreaberta: tudo escuro, quieto e limpo; cheira a menta e a erva cidreira. Num canto haviam armado um tablado, e sobre ele, envolta em um cobertor, havia uma figura pequena, mirrada... Já ia me retirar...

- Senhor, meu senhor! Piotr Pietróvitch! – ouvi uma voz fraca, lenta e rouca, como o farfalhar do espargânio no pantano.⁷

A surpresa ao ouvir essa voz inesperada e o susto que se levam são compartilhados ao mesmo tempo pelo narrador e pelo

4 TURGENEV, Ivan. *Literary reminiscences and autobiographical fragments*, p. 193 (T. dos A.).

5 Idem. p. 193 (T. dos A.).

6 DELANEY, Consolata. p. 19 (T. dos A.).

7 TURGUÊNIEV, Ivan. “Zapiski okhotnika”, p. 327 (T. dos A.).

leitor: “Nada espera o leitor, nada o inclina a imaginar o que encontrará; assim, se vê surpreendido pela mulher paralisada”.⁸ Turguêniev foi muito feliz na escolha dessa organização narrativa, pois o retrato do camponês que ali será apresentado não era de conhecimento do leitor da época, que fazia dele uma outra imagem. Era preciso, portanto, surpreendê-lo, e a melhor forma de fazê-lo era aproximando-o do narrador, que, tanto quanto ele, desconhecia essa figura. Note-se que o caçador parece acompanhar as palavras de Lukéria em estado de choque. Suas interferências no diálogo são mínimas, apenas marcações pontuais que têm o objetivo de devolver a fala à narradora. Seu espanto é nítido.

A natureza também contribui para tornar mais acentuado esse choque que narrador e leitor sofrem ao se depararem com Lukéria. Aliás, as descrições paisagísticas em Turguêniev nunca são um mero elemento decorativo, um simples quadro a ser admirado, antes possuem importantes funções na estrutura da obra. Diz o narrador:

No dia seguinte acordei bem cedo. O sol acabara de despontar; não havia uma nuvenzinha no céu. Tudo ao redor tinha um brilho intenso e redobrado: o brilho dos primeiros raios matinais e da tempestade da véspera. Enquanto me preparavam o cabriolé, fui dar uma volta em um pequeno jardim, que um dia fora um pomar, mas agora encontrava-se abandonado, e que cercava o anexo por todos os lados com seu fruído perfumado e sua mata pitoresca. Ah, como era bom estar ao ar livre, sob o céu claro, onde esvoaçavam as cotovias, espalhando miçangas prateadas de sua voz sonora! Por certo carregavam gotas de orvalho nas asas, com as quais suas canções pareciam regadas. Cheguei a tirar o gorro da cabeça e respirei com alegria – a plenos pulmões...⁹

Após sentir a tranquilidade e a paz de espírito suscitadas por essa natureza tão amena, quem não se surpreenderia ao encontrar Lukéria em uma situação tão degradante?

Embora seja uma narrativa em primeira pessoa, condicionada à visão do caçador, no encontro com Lukéria ele cede o

8 PRIETO, José Manuel. p. 16

9 TURGUÊNIEV, Ivan. p. 327 (T. dos A.).

discurso a ela. Vemos o camponês falar por si mesmo, revelar suas próprias aflições. Com isso, o que se vê despontar das palavras de Lukéria impressiona tanto o narrador quanto o leitor, pois trazem à tona um caráter que nenhum literato até então ousara atribuir ao camponês russo.

Lukéria conta a história de seus infortúnios, que tiveram início com um simples tombo. Antes desse infeliz acidente que a inutilizara, convivia com os senhores, era “a primeira cantora”¹⁰ do coro, cortejada por todos e noiva de um simpático servo. Tudo muda numa bela noite, quando, ao ouvir o canto de um rouxinol, sai à varanda, tropeça no patamar da escada e, ainda que não tenha sentido grandes dores no momento, percebe que algo por dentro lhe acontecera.

Após o acidente, Lukéria é esquecida por todos aqueles por quem pensava ser admirada. No calor do momento, é levada por seus senhores a consultar vários médicos, que não conseguem encontrar nenhum tratamento adequado para o seu mal. A solução foi abrigá-la em um galpão situado em uma aldeia distante, pois “de nada servia manter uma inválida na casa senhorial”.¹¹ Também o noivo acaba por abandoná-la. E o caçador, que na época encontrava-se em Moscou, não demonstra ter sentido sua falta ao retornar para o campo, apesar de, aos dezesseis anos, ter suspirado em segredo pela serva.

Interrompendo nesta parte a leitura, poder-se-ia pensar que Lukéria se revoltaria com esse abandono. Mas revolta não é algo que cabe aos personagens de Turguêniev. Bazárov, de *Pais e filhos*, não vai além de palavras vociferantes; Rúdin, do romance de mesmo nome, perde-se em sua eloquência e, se chega a morrer numa barricada em Paris, é por uma causa que não se sente à vontade para defender. Em vez de revolta, o que vemos brotar da personagem é uma admirável compreensão de seu triste destino. Lukéria não se cansa de atribuir supostas bondades à mãe do caçador, que a poderia ter mantido na casa senhorial e não o fez; compreende a atitude de seu ex-noivo a ponto de culpar a si mesma: “E que espécie de com-

10 TURGUÊNIEV, Ivan. p. 328 (T. dos A.).

11 TURGUÊNIEV, Ivan. p. 329 (T. dos A.).

panheira lhe poderia ter sido?”¹² E é mais para constatar um fato do que apresentar uma queixa que diz: “Foi então que os senhores decidiram que não havia mais como me tratar e que de nada servia manter uma inválida na casa senhorial... Enviaram-me, então, para cá, pois aqui tenho parentes. E eu vou vivendo, como pode ver”¹³.

Mas não podemos pensar que Lukéria se regozija com seu sofrimento. Ela percebe que nessa adversidade passou a ter uma visão de mundo maravilhosa e inédita, descobriu a verdadeira essência da vida, o real milagre da existência. Lukéria demonstra que os prazeres e felicidades que nos são proporcionados pelos valores mundanos e pela ótica humana são tão frágeis e superficiais quanto quem acredita neles. A verdadeira felicidade, ainda que simples, mas duradoura, só pode ser encontrada longe desse mundo criado pelo homem, perto do mundo criado por Deus. As festas de que participava na casa senhorial, a admiração que suscitava, o destaque que lhe proporcionava ser “a moça mais bela de toda a nossa criadagem”,¹⁴ nada se compara com a vida simples que leva junto à natureza. Seu entusiasmo com o voo dos pardais e das borboletas, sua alegria com uma lebre que passa correndo, a satisfação com que acompanha a construção dos ninhos pelas andorinhas, tudo isso beira uma alegria infantil.

Há uma interpretação já consagrada de “Uma relíquia viva”, que defende que a personagem Lukéria – e não somente ela, mas os camponeses em geral de *Memórias de um caçador* – é a representação de uma paciência infinita e da resignação que marca o povo russo. Diz Melchior de Vogué: “O ponto focalizado nessa narrativa, como em todas as outras, é a resignação estoica, um pouco animal, desse camponês russo sempre preparado para tudo sofrer”.¹⁵ André Maurois segue essa mesma linha ao comentar “Uma relíquia viva”:

12 TURGUÊNIEV, Ivan. p. 329 (T. dos A.).

13 TURGUÊNIEV, Ivan. p. 329 (T. dos A.).

14 TURGUÊNIEV, Ivan. p. 328 (T. dos A.).

15 VOGUÉ, Melchior de. p. 153.

[...] simples conversação com uma camponesa, mocinha inválida, sem movimentos na sua cabana, sozinha, alimentada pela piedade dos vizinhos, tendo, como única distração, a paisagem exterior e o cão vadio que se detém por instantes junto ao leito, e, apesar disso, conserva-se piedosa, resignada, até certo ponto feliz.¹⁶

De fato, seria difícil fugir dessa linha de interpretação, que o próprio Turguêniev indica na epígrafe, ao escolher para o conto dois versos de um poema sem título de Tiútchev:

*Terra natal de paciência infinita,
És a terra da gente russa!*¹⁷

Lukéria tudo suporta, vive com o mínimo necessário, nunca se queixa do cruel destino que a vida lhe reservara, comportamento que impressiona o próprio caçador: “[...] não pude deixar de expressar em voz alta minha admiração por sua paciência.”¹⁸

Conservar essa extrema paciência e apresentar uma atitude de extrema resignação perante a vida é o que resta a Lukéria e, conseqüentemente, à classe camponesa, pois a falta de perspectiva impedia qualquer esperança de um futuro menos doloroso, de uma vida menos sofrida. Situada no mais baixo grau da pirâmide de uma sociedade estática, presa à terra de seus senhores, sem possibilidade de locomoção, a única saída era resignar-se. A própria imobilidade física de Lukéria pode ser tomada como um símbolo da imobilidade social do camponês russo, que o impede não só de ascender socialmente como sequer sair de sua aldeia.

Mas seria reduzir em muito o alcance e a riqueza da personagem Lukéria interpretá-la unicamente sob esse aspecto. Pois, se assim fosse, Turguêniev não estaria indo muito além do que outros escritores já haviam feito, e a tão aclamada inovação na imagem do camponês russo, revelada em *Memórias de um caçador* e, mais particularmente, em “Uma relíquia viva”, não se justificaria. Nas obras de Dmítri V. Grigoróvitch

16 MAUROIS, André. p. 135.

17 Idem. p. 326.

18 Idem. p. 336.

(1822-1899), considerado um antecessor de Turguêniev, já se mostra presente o personagem que suporta heroicamente seu sofrimento.¹⁹ Sem dúvida, essa já era uma grande mudança no tratamento literário dessa figura, pois, se atentarmos para Liza, personagem da novela *Pobre Liza*, de Nikolai Karamzin, veremos o quanto na literatura o camponês estava longe de possuir esse estoicismo. Dessa forma, há em Lukéria muito mais do que isso; e, para melhor esclarecer a figura dessa personagem, faz-se necessário recorrer ao que diz Jean-Jacques Rousseau sobre o homem em seu estado natural, que em muito coincide com o que é representado em “Uma relíquia viva”.

O filósofo francês defendia que o homem, em seu estado natural, convivia em perfeita harmonia com a natureza, que lhe proporcionava todo o necessário para a sobrevivência, como alimentação e abrigo. De seu, o homem só possuía os dons naturais – instinto, força e habilidade –, o que lhe bastava. Vivia ele de forma isolada, sem nenhum laço de ligação com seus semelhantes, de quem não necessitava de qualquer ajuda e a quem não tinha interesse em prejudicar. Solitário, não conhecia o orgulho, a vaidade, não buscava a glória ou uma reputação: “Se fizesse, por acaso, alguma descoberta, não teria a quem comunicá-la, pois sequer reconhecia os próprios filhos. A arte parecia com o inventor”.²⁰ Possuía uma paixão que o levava a agir, o “amor de si”, que não pode ser confundido com o amor-próprio, egoísta, mas antes um sentimento que o leva a buscar e reconhecer tudo o que lhe é necessário e evitar o que é prejudicial. Seria o instinto de autodefesa, propriamente dito.

No entanto, esse estado de natureza, perfeição e harmonia foi quebrado com o surgimento da sociedade, que teve sua origem na instituição da propriedade privada.

A evolução social incutiu vícios no homem, o que corrompeu seu estado natural. Seus instintos foram se tornando menos aguçados, suas capacidades naturais já não lhe eram suficien-

19 Sua novela *Derévnia*, de 1846, é considerada o primeiro exemplo de uma descrição literária realista da difícil situação dos camponeses russos.

20 ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social e outros escritos*. p. 172.

tes na luta pela sobrevivência, não conseguia mais obter da natureza tudo o que lhe era necessário. Passou a depender de ferramentas e máquinas, sentiu necessidade de viver em grupo, pois, isolado como antes, não era capaz de obter seu sustento. O convívio agora constante com seus semelhantes faz nascer no homem sentimentos que antes não conhecia, como o orgulho e a vaidade, resultado da nova necessidade de se impor.

Para Rousseau, a nova forma de vida, instituída pelo surgimento da sociedade, é um caminho sem volta, já que, com os vícios adquiridos, ficou impossível ao homem retornar ao seu estado natural. Porém, por conseguir manter uma condição de vida com certas características primitivas, havia quem mais se aproximasse do estado de natureza: o camponês.

Respirando o ar puro do campo, vivendo em harmonia com a natureza e em igualdade com seus semelhantes, cultivando o próprio alimento com suas habilidades naturais, quando muito fazendo uso de ferramentas primitivas, vivendo longe da aglomeração da cidade, sem acesso aos “avanços” da modernidade, o camponês estaria imune aos vícios da sociedade e carregaria em si aquela pureza que caracterizava o homem primitivo, daí a exaltação que Rousseau faz da vida no campo como uma alternativa à vida corrompida na sociedade.

Tudo isso é exatamente o que vemos na camponesa Lukéria, que vive isolada em um casebre, recebendo visitas esparsas de moças da aldeia, de romeiras e de uma pequena órfã, pessoas tão puras quanto ela. Há perfeita harmonia entre ela e a natureza, os animais parecem reconhecê-la como uma semelhante, a ponto de entrarem em seu casebre e fazerem ninho à sua porta. Muito diferente é a relação de Piotr Pietróvitch com a natureza. Ele é um caçador, ou seja, um intruso, um depredador, alguém que está ali para destruir, e a própria Lukéria chega a repreendê-lo: “Como são cruéis os senhores caçadores!”²¹

Seus instintos naturais, como os do homem primitivo, mostram-se bastante aguçados:

21 TURGUÊNIEV, Ivan. p. 331 (T. dos A.).

- [...] Quanto a mim, graças a Deus, vejo muito bem e ouço tudo, tudo mesmo. Se uma toupeira cava embaixo da terra, eu consigo ouvir. Posso sentir qualquer cheiro, por mais suave que seja. O trigo sarraceno começa a florir no campo ou a tília no jardim e nem é preciso que me digam: sou a primeira a perceber. Basta que de lá sopra uma brisa.²²

Vivendo assim, longe da cidade, ela está livre dos vícios que ali se adquire, e o mal que a sociedade e a modernidade incutem no homem pode ser verificado pelas palavras arrogantes dos médicos que trataram dela: “Faço isso em prol da ciência, essa é minha função, sou um cientista! E não pode me impedir, dizia, pois por meu trabalho recebi a condecoração que trago no pescoço, e é por vocês, uns tolos, que me empenho”.²³

Não é difícil entender o porquê da insistente recusa de Lukéria em aceitar o oferecimento de Piotr Pietróvitch de levá-la para um hospital na cidade. Lukéria declina dessa ajuda não apenas devido aos maus-tratos que anteriormente recebera, mas principalmente pelo temor de, ao entrar em contato com essa sociedade, ser corrompida por ela e, conseqüentemente, perder toda aquela harmonia, aquela paz de espírito que conquistou.

Mas as ideias de Rousseau acerca do camponês, apesar de dizerem muito, são ainda insuficientes para explicar a imagem de Lukéria transmitida por Turguêniev. O conto possui um forte teor religioso, o que é algo inusitado em se tratando de Turguêniev, pois foi um dos poucos escritores – quiçá o único – do século de ouro da literatura russa que não abordou, ao menos de forma sistemática, a religião em sua obra. Púchkin, Gógol, Dostoiévski, Tolstói, Tchekhov, todos o fizeram, cada um à sua maneira.

A forte conotação cristã que Turguêniev imprime à personagem foi algo inovador para a época, pois a imagem religiosa que se fazia do camponês era bem diversa do que se vê em “Uma relíquia viva”. Segundo Orlando Figes: “A religião dos camponeses estava muito distante do cristianismo ilustrado

22 TURGUÊNIEV, Ivan. p. 330 (T. dos A.).

23 Idem. p. 332.

do clero".²⁴

Havia uma preocupação, por parte da Igreja Ortodoxa, com a heresia existente na classe camponesa. Não que os camponeses não seguissem a religião ortodoxa, mas o faziam sem abandonar suas antigas crenças pagãs, sem aderir de forma integral aos preceitos ortodoxos, que eram adaptados à cultura camponesa. A imagem de Deus como um ser imaterial, impalpável, por exemplo, para o camponês era incompreensível, pois acreditava nele como um ser humano com todas as suas características. Havia um sincretismo que combinava com naturalidade elementos da cultura camponesa pagã e da cristã. Figes nos dá alguns exemplos:

Estava Poludnitsa, deusa das culturas, a quem se rendia culto colocando um maço de centeio atrás do ícone na casa camponesa; Vlas, protetor dos rebanhos, que em tempos do cristianismo se converteu em São Blas; e Lada, divindade da boa sorte (um atributo bastante necessário nos caminhos da Rússia), que aparecia junto a São Jorge e São Nicolau nas canções de boda dos camponeses.²⁵

No conto, vários elementos que se intercalam entre as duas culturas mostram-se presentes. O sonho como motivo revelador de uma profecia, como os que tem Lukéria, é um exemplo. Ao próprio José, pai terreno de Cristo, o nascimento do filho foi revelado através de um sonho. O próprio Cristo que Lukéria vê em sonho traz consigo um elemento tradicional da cultura camponesa. Assim o descreve a personagem: "Sem barba, alto, jovem, todo de branco, só o *cinturão* é dourado, e me estende a mão".²⁶ O cinturão era tido como um símbolo de pureza na cultura pagã. Era comum envolver com um cinturão um recém-nascido, uma mulher grávida ou os mortos: "Segundo a crença popular, o diabo temia o homem que levava um cinturão; não levá-lo era sinal de pertencer ao submundo".²⁷ Dessa forma, um elemento da credence camponesa atesta a santida-

24 FIGES, Orlando. p. 395 (T. dos A.).

25 FIGES, Orlando. p. 395-396 (T. dos A.).

26 TURGUÊNIEV, Ivan. p. 335 (T. dos A.). Grifo nosso.

27 FIGES, Orlando. p. 397 (T. dos A.).

de do próprio Cristo.

Ouvir um chamado e dele suscitarem acontecimentos que mudam radicalmente a vida das pessoas é algo comum às duas culturas. Porém, entre os camponeses, o chamado está mais associado a espíritos malignos que rondam o mundo dos vivos e à maldição, tanto que o acidente de Lukéria sucede logo após a personagem ouvir chamarem seu nome. O próprio canto do rouxinol, que lhe chegou durante uma vigília e momentos antes do amanhecer, pode ser interpretado como o anúncio de uma mudança de fortuna que tem como consequência a morte.²⁸ Foi após ouvir o canto desse pássaro que Romeu e Julieta tiveram assinalado o seu destino trágico. Já entre os cristãos, o chamado está associado a uma transformação benigna na vida do homem. Segundo os Evangelhos, São Paulo estava a caminho da cidade de Damasco com o objetivo de perseguir os cristãos quando teria ouvido a voz de Cristo chamando-o pelo nome. A partir desse momento, ele se transforma no maior propagador das doutrinas cristãs. Lukéria também ouve, em sonhos, Cristo chamando-a, convidando-a a adentrar o paraíso, onde ganharia uma nova vida e deixaria para trás todo o seu sofrimento. Diz a personagem: “E o cãozinho teve de me deixar em paz. Só então entendi que esse cãozinho era a minha doença e que no reino dos céus não haveria lugar para ele”.²⁹

Porém, apesar desses “desvios” dos preceitos ortodoxos puros por parte do camponês, é nele, através de Lukéria, que Turguêniev vê incutidos os verdadeiros valores cristãos, a ponto de retratá-la em todos os aspectos como uma santa.

Muitos críticos e filósofos de então defendiam que a Igreja Ortodoxa russa há muito perdera de vista os valores primitivos cristãos. Ao se aliar ao Estado, permitindo-lhe que a controlasse em troca da manutenção de seus interesses materiais, a Igreja teria colocado em segundo plano sua missão evangelizadora e a preocupação com os mais pobres, que eram sua razão de existir, o verdadeiro legado deixado por Cristo.

28 Ver CHEVALIER, Jean. p. 791.

29 TURGUÊNIEV, Ivan. p. 335 (T. dos A.).

Dostoiévski era um dos que compartilhavam dessa opinião, pois acreditava que a Igreja “tinha perdido de vista sua função pastoral e se mostrado indiferente ao principal problema da Rússia: o sofrimento dos pobres”.³⁰ Como aponta Solovióv em seu famoso ensaio “A ideia russa”: “Se a igreja não é fiel ao legado de Cristo, então ela representa o fenômeno mais anormal, mais estéril da Terra, condenado de antemão pela palavra de Cristo”.³¹ O desprezo que a Igreja demonstrava pelos mais pobres e necessitados aparece no conto através do relato de Lukéria sobre o que lhe teria dito o padre Alieksei acerca de um de seus sonhos, ou visões: “Teve ainda outra vez que sonhei – recomeçou –, ou talvez tenha sido uma visão, já nem sei. [...] Cheguei a contar tudo ao padre. Mas ele não acredita que tenha sido uma visão, porque visões só ocorrem a autoridades religiosas.”³²

Ao negar aos demais o poder da revelação divina e se autointitular única detentora desse atributo, a Igreja se coloca num nível superior a eles, desvirtuando-se dos princípios cristãos. Aliás, a relação entre os camponeses e os padres de aldeia era bastante conturbada na Rússia. Havia uma desconfiança por parte dessa classe, que via os padres como servidores dos proprietários de terras e do Estado, cujos objetivos eram impor seus dogmas e explorá-los economicamente através da cobrança de serviços religiosos, como o casamento ou o funeral. Segundo Orlando Figes:

[...] os camponeses não os consideravam guias espirituais, mas comerciantes de sacramentos. A pobreza dos camponeses e a proverbial condição dos sacerdotes geravam com frequência prolongadas discussões sobre os honorários, enquanto os noivos camponeses esperavam horas de pé na igreja, ou demoravam dias para enterrar os mortos, até que chegassem a um acordo”.³³

30 FIGES, Orlando. p. 415 (T. dos A.).

31 SOLOVIÓV, Vladímir. p. 200 (T. dos A.).

32 TURGUÊNIEV, Ivan. p. 336 (T. dos A.).

33 FIGES, Orlando. p. 394. (T. dos A.).

Com isso, a Igreja mantém seu cristianismo apenas na aparência, na falsidade da liturgia. Muito diferente mostra-se Lukéria em relação aos princípios cristãos. Ela não segue os ensinamentos de Cristo de forma artificial, considerando-os como um dever a ser cumprido; ao contrário, até mesmo as orações, são poucas as que ela sabe; a vida dos santos ela conhece de forma incompleta e desfigurada; a história das cidades sagradas lhe é uma novidade. Seu cristianismo é revelado de forma natural, através de suas atitudes e de seu comportamento, como se lhe fosse algo inerente, dando a impressão de que nem ela tem consciência dessa sua característica.

Exemplo disso é a relação que ela mantém com Piotr Pietróvitch. Apesar de todos os anos de servidão, de toda a exploração que essa condição social imputa, Lukéria não carrega em si um ódio de classe contra seu amo, não apresenta o menor sinal de revolta, não alimenta rancor nem desejo de vingança, mostrando-se, ao contrário, disposta a manter uma relação harmônica, sem qualquer ressentimento, prometendo, até mesmo, lembrar-se dele em suas orações. O que essa atitude representa senão o cumprimento de um dos principais fundamentos das doutrinas de Cristo: “perdoar e amar seus inimigos”? O amor ao próximo que a personagem demonstra é algo comovedor; mesmo diante de tanto sofrimento, é por terceiros que ela intercede, esquecendo-se de si mesma:

Não preciso de nada; estou satisfeita com tudo, graças a Deus – proferiu com enorme esforço, mas de modo comovido. – Que Deus dê saúde a todos! Mas podia convencer sua mãezinha, senhor, a reduzir um pouquinho que seja o *obrók*:³⁴ os camponeses daqui são pobres! Não há terras suficientes, não há onde plantar... Pediriam a Deus pelo senhor... Já eu, não preciso de nada: estou satisfeita com tudo.³⁵

Os sonhos de Lukéria dizem muito sobre a sua natureza cristã. Aliás, os sonhos são um recurso recorrente na obra de Turguêniev: “Nenhum escritor deixou tantos sonhos. Raros os contos de Turguêniev desprovidos de sonhos. Entre os literatos de cujo grupo faz parte, só Leskov concede-nos alguns so-

34 Tributo pago aos proprietários pelos camponeses da gleba.

35 TURGUÊNIEV, Ivan. p. 337 (T. dos A.).

nhos. Como, porém, diferem dos dele!”³⁶ No primeiro sonho de Lukéria, é narrado um encontro da camponesa com Cristo. Diz a personagem: “Olho, e por cima das espigas quem vem rapidamente em minha direção não é Vássia, mas o próprio Cristo! Mas como soube que era Cristo, não sei dizer. Não é assim que o descrevem, mas era ele!”³⁷

Lukéria, mesmo fazendo uma imagem diferente de Cristo – que destoa da que era imposta pela Igreja Ortodoxa –, o reconhece de imediato. É impossível não lembrar, nessa passagem, de Cristo afirmando que seu rebanho o reconheceria pela sua voz.³⁸ Com isso, há aqui o reconhecimento de Lukéria como uma verdadeira cristã, como parte legítima do rebanho cristão.

Cristo denomina a camponesa por “minha noiva adornada”. Segundo os evangelhos, chegará o tempo em que Cristo voltará para buscar sua noiva, isto é, sua igreja. Sendo a igreja composta por indivíduos, sua noiva seria aqueles que se mantiveram fiéis aos seus princípios, aos ensinamentos por ele aqui pregados. Ao denominar Lukéria por “minha noiva adornada”, ele reconhece na camponesa, pelos seus atos, pelo seu comportamento, a concretização de sua doutrina. Ou seja, é no camponês, tido pela Igreja Ortodoxa como desviado dos princípios cristãos devido ao seu apego à cultura pagã, que Cristo, na visão de Turguêniev, vê encarnados esses mesmos princípios. No comentário de Lukéria “não é assim que o descrevem”, há uma crítica velada à Igreja Ortodoxa, que não conheceria realmente Cristo e, conseqüentemente, sua verdadeira doutrina. O adjetivo “adornada”, também presente nos evangelhos para caracterizar a noiva de Cristo, evidencia que Lukéria está pronta para receber seu noivo, ou seja, mostra-se santificada. Essa imagem de santidade também está representada na foice em formato de lua, semelhante a uma auréola, que ela coloca na cabeça. Também fora do sonho, essa ideia de santidade da personagem se destaca no momento em

36 MAUROIS, André. p. 8.

37 TURGUÊNIEV, Ivan. p. 335 (T. dos A.).

38 Livro de João, cap. 10, v 3-4.

que Piotr Pietróvitch a compara a “um ícone como aqueles dos manuscritos antigos”.³⁹ Figes observa que o ícone, na Rússia, é tido como um meio de comunicação com o mundo sagrado: “O ícone é o centro focal da emoção religiosa do crente, já que o põe em comunicação com os santos e a Santíssima Trindade; e por essa razão, a grande maioria dos russos o considera um objeto sagrado em si mesmo”.⁴⁰ Aliás, toda a trajetória de Lukéria contribui para a imagem de uma santa: experimentou a alegria mundana, foi abandonada, passou por privações, teve revelações proféticas, compreendeu seu destino e não se opôs a ele. Vale lembrar também que Lukéria era noiva de Vassili Poliakov, que a abandonou após o acidente. A mensagem do sonho é clara: diferentemente dos homens, o noivo Cristo jamais abandonará aqueles que lhe são fiéis.

No segundo sonho, revela-se a Lukéria, através das palavras de seus falecidos pais, que seu sofrimento tem um propósito, não é uma casualidade da vida. Foi por meio de seu sofrimento que se formou seu caráter cristão. Antes do acidente que a levou ao estado deplorável em que terminou sua vida, Lukéria se regozijava na casa senhorial, sentia-se à vontade com os elogios que recebia dos nobres senhores, orgulhava-se deles, pois era considerada não só a mais inteligente, mas também “a mais bela de toda a criadagem”. O acidente e, conseqüentemente, o sofrimento por ele gerado tiraram-na daquele ambiente profano e lhe mostraram como são vãs as glórias terrenas. O amor ao próximo, a paciência com que tudo suporta, a tranquilidade espiritual que a caracteriza, a percepção que tem da vida, a santidade que demonstra, tudo isso ela adquiriu através do sofrimento. No terceiro sonho, revela-se uma profecia: a data da morte de Lukéria.

Assombra-nos a naturalidade e intrepidez com que Lukéria encara a morte, chegando mesmo a desejá-la com todo ardor. Essa impassibilidade nos últimos momentos de vida era algo próprio da classe camponesa e foi um tema bastante explorado pelos literatos russos: “A atitude intrépida do camponês

39 TURGUÊNIEV, Ivan. p. 327 (T. dos A.).

40 FIGES, Orlando. p. 371 (T. dos A.).

ante a morte era um lugar-comum na literatura russa do século XIX".⁴¹ Segundo Fíges, havia duas razões para esse tipo de comportamento. Uma delas estava no fato de a morte ser um acontecimento corriqueiro no cotidiano da classe camponesa:

A morte era algo tão comum na aldeia que, até certo ponto, os camponeses haviam se enrijecido a respeito. Numa sociedade em que metade das crianças morria antes de completar cinco anos, havia de existir alguma forma de lidar com a situação. Com frequência os médicos notavam que os pais de uma criança da aldeia não manifestavam nenhuma reação emocional diante sua morte, e em muitas das regiões mais pobres, onde eram muitas as bocas para alimentar, as mulheres chegavam a agradecer a Deus por tê-las levado. Havia provérbios camponeses que sustentavam que 'é um bom dia quando uma criança morre'. O infanticídio não era raro, especialmente em épocas de adversidade econômica, e com os filhos ilegítimos praticamente era a norma.⁴²

Já outros, segundo Fíges,

creditavam a resignação dos camponeses a um fatalismo característico dos servos em virtude do qual a morte se via como uma libertação do sofrimento. Quando falavam de sua situação, os camponeses referiam-se à vida depois da morte como um 'reino de liberdade', onde seus ancestrais viviam na liberdade de Deus.⁴³

É o que vemos acontecer com Lukéria. Apesar de contar sua história "quase com alegria, sem suspiros e queixumes, sem se lamuriar, absolutamente ou procurar despertar compaixão",⁴⁴ como diz o caçador, seu sofrimento lhe é um grande peso, que só terá fim com sua morte, daí a decepção que a personagem apresenta ao saber, em seu sonho, que sua hora ainda não havia chegado: "E essa mulher, a minha morte, me diz: 'Sinto pena de você, Lukéria, mas não posso levá-la comigo. Adeus! Meus Deus! Como fiquei triste nessa hora!... 'Leve-me', digo, 'leve-me, mãezinha querida!'"⁴⁵

41 Idem. p. 429.

42 Idem. p. 431.

43 Idem. p. 430.

44 TURGUÊNIEV, Ivan. p. 329 (T. dos A.).

45 Idem. p. 336.

Assim como Piotr Pietróvitch admira em Lukéria essa natureza imperturbável diante da morte, grande parte da nobreza russa sentia o mesmo em relação aos seus servos, a ponto de buscarem neles alívio em seus últimos momentos de vida: “Não era raro que os membros da classe alta da Rússia se consolassem com a presença de seus servos no momento da morte”.⁴⁶ Tolstói eternizou de forma magistral esse momento em *A morte de Ivan Ilitch*.

Pode-se dizer, então, que há uma unidade fora de ordem nos três sonhos da personagem, uma unidade fragmentada, como são geralmente os sonhos. No segundo, justifica-se o sofrimento de Lukéria; no terceiro, revela-se a data de sua morte; no primeiro, ela já se encontra a caminho do paraíso, sendo guiada por Cristo.

O sofrimento de Lukéria deu-lhe uma maturidade espiritual que a fez compreender a essência do cristianismo, a entender os desígnios divinos impetrados ao homem. Diz a camponesa: “Ele (Deus), mais do que eu, conhece minhas necessidades. Se me mandou essa cruz, quer dizer que me ama.”⁴⁷

Lukéria demonstra saber que aqueles que seguem os ensinamentos de Cristo, que preservam sua doutrina, não estão imunes ao sofrimento; ao contrário, seria através destes que se provaria a sinceridade daqueles princípios. Quando o capataz da aldeia, no final do conto, diz que Lukéria foi abandonada por Deus devido aos seus pecados, ele faz uma ideia errônea do cristianismo, pois considera esse suposto “abandono” como um castigo divino, sendo que, para Lukéria, justamente esse “abandono” seria a verdadeira manifestação do amor de Deus por ela.

* * *

O camponês como encarnação dos princípios cristãos não é algo novo na Rússia, não teve início com Turguêniev. Os pró-

46 FIGES, Orlando. p. 429 (T. dos A.).

47 TURGUÊNIEV, Ivan. p. 332 (T. dos A.).

prios termos “camponês” e “cristão” são bastante parecidos na língua russa (“крестьянин” – *krestíánin* e “христианин” – *khristiánin*). O que Turguêniev fez foi trazer esse tema para a literatura, criando uma de suas personagens femininas mais comoventes e impressionantes. Em um famoso ensaio, Henry James diz que o escritor russo, por seu caráter generoso, é “feito da matéria de que se fazem as glórias”.⁴⁸ “Não, Lukéria o é, os camponeses o são”, poderia ter sido a resposta do autor de *Memórias de um caçador*.

Referências bibliográficas

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

DELANEY, Consolata. “Turgenev’s sport’sman: experiment in Unity”. In *The Slavic and East European Journal*, Vol. 8, N. 1, pp. 17-25. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/303972> (último acesso em 21/07/2020).

FIGES, Orlando. *El baile de Natacha*. Barcelona: Edhasa, 2010.

GRIGORÓVITCH, Dmítiri. V. *Derévnia*. Disponível em: http://az.lib.ru/g/grigorowich_d_w/text_1846_derevnya.shtml, (último acesso em 13/11/2020).

JAMES, Henry. “Ivan Turguêniev”. In: *Pais e filhos* (Trad. de Rubens Figueiredo). São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

KARAMZIN, Nikolai. “Pobre Liza”. In: GOMIDE, Bruno (org.) *Nova antologia do conto russo*. Tradução de Natalia Marcelli de Carvalho e Fátima Bianchi. São Paulo: Editora 34, 2011.

“Livro de João”. In *A Bíblia Sagrada*. São Paulo: Geográfica. 2000.

MAUROIS, André. *Turgueniev e a filosofia russa*. Rio de Janeiro: Alba Editora, 1942.

PRIETO, José Manuel. “Prólogo”. In *La reliquia viviente*. Girona: Atalanta Editorial, sd.

48 JAMES, Henry. p. 354.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social e outros escritos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1965.

SOLOVIÓV, Vladímir. "La idea rusa". In: *Rusia y Occidente (Antología de textos)*. Barcelona: Tecnos Editores, 1997.

TURGENEV, Ivan. *Literary reminiscences and autobiographical fragments*. New York: Grove Press, 1959.

TURGUÊNIEV, IVAN. *Zapiski okhotnika*. In *Polnoe sobrânie sotchiniênii i pissem v trídtsati tomákh*. Leningrado: Institut Russkoi Litieraturi (Puchkinskii Dom) Akadiemii Nauk SSSR, 1960-1968. Disponível em: https://rvb.ru/turgenev/tocvol_03.htm (último acesso em 14/08/2020).

VOGUÉ, Melchior de. *O romance russo*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, s.d.

WILSON, Edmund. "Turguêniev e a gota vivificadora". In: *Onze ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Recebido em: 15/08/2020

Aceito em: 18/11/2020

Publicado em dezembro de 2020